

QUE E' A TERRA?

O VERBO CANTAR

QUE E' A VIDA?

R
GUERRA JUNQUEIRO

Que é a terra ?

O verbo cantar

Que é a vida ?

Com um estudo de JULIO BRANDÃO
sobre a vida do grande poeta,



LIVRARIA EDITORA
Empresa Litteraria Universal
119, C. do Combro, 121
Lisbôa



Guerra Junqueiro

Sobre Guerra Junqueiro tem-se escripto muito, e tem-se dito muito pouco. O grande cantor da «Morte de D. João» não foi ainda estudado como precisa a sua figura enorme, nem o poderá ser com precisão e profundez, sem que nos dê principalmente as suas theorias, sem que publique esses «Ensaios espirituaes», onde o pensador ascende a alturas de prodigio.

A partir dos «Simples», a sua obra accentua um modo de ser philosophico, que a propria fórma em crystaes maravilhosos guarda e reflecte admiravelmente em syntheses. Mas essa synthese escapa naturalmente á maioria dos espiritos.

Do poeta d'outrora, especie de archanjo flamejante da Biblia, clamando Verdade e Justica, Junqueiro ascendeu, modificando-se. O fogo exterminador e purificante, transformou-se di-

vinamente em luz... Dir-se-hia que o poeta titanico, cujos versos eram dardos de oiro e lume, vestiu a alma de burel humilde, floriu a musa de rosas espirituaes immarcesciveis—mas que cresceram no pleno marulhar da natureza esplendida. A propria physionomia exterior do poeta modificou-se. Este homem extraordinario tem no aspecto a simplicidade adoravel do seu trato, que é um encanto. As barbas cresceram-lhe, como as de Ruskin; e com ellas, de certo, cresceu a sua piedade...



COMO O POETA TRABALHA

O grande poeta não tem hábitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo, deita-se também cedo. Faz versos «quando elles querem» — costuma dizer; isto é, quando essas estrophes immorredouras affloram na sua alma, como flores chimericas de Sonho á tona dum mar de luz.

E' andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas.

Passeia immenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigaveis dum «globe-trotter.» E' muitas vezes passeando que expõe as suas theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais duma vez precederam d'annos as de grandes homens de sciencia europeus. Lembramo-nos de algumas—que mais tarde publicou com exito extraordinario Flammarion.

Toda essa maravilha dos «Simples», a saty-

ra sangrenta e épica da «Patria», foi passeando que elevadamente as ouvimos ao poeta. Os que escutavam (ás vezes fazia um luar, como eu creio que só ha em Portugal) deixavam-se levar no rythmo dos Versos, profundos como o oceano que tambem os ouvia, e que lembravam uma chuva d'estrellas. A elegia enorme do «In pulverem», lembra-nos ainda como se a voz do poeta trouxesse diluida a poesia eterna das cousas, o zumbir das abelhas divinas, o aroma serrano das urzes da sua terra, onde o castanheiro morre.

«Que feliz cadaver, que até cheira bem!...»

As balladas do Doido, na «Patria», eram, como hão-de ser sempre, assombros shakespearianos. Nós, os que o ouvimos, ficavamos em silencio — que é a linguagem do extasi. A noite corria infinitamente luminosa e mysteriosa. E apenas o mar suspirava, como nos tempos épicos, e as estrellas ficavam mais vivas para aureolar o Poeta...

A sua philosophia reduz tudo a phenomenos moraes e religiosos. Uma «Ethica cosmica»—no seu proprio dizer. Os seus auctores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinoza, Leibnitz, Schelling e Schopenhauer. — S. Francisco d'Assis e Beethovem são os homens que elle mais admira. Christo e Budha são para si os symbolos supremos dos super-homens.

Em arte as suas predilecções vão de Eschylo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goethe, Shelley. Camões, Anthero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson e toda a poesia popular.

São estas as figuras que o grande Poeta mais ama. Dos vivos, não seria difficil, conhecida a sua trajectoria esthetica, indicar aquelles que o seu immenso espirito ou o seu grande coração preferem.



A HABITAÇÃO

A casa é o espelho da alma.

O «home» dum grande poeta e dum grande pensador como Guerra Junqueiro tem naturalmente reflexos do seu portentoso espirito. Ao invéz do que aconteceu aos Goncourt, no dizer dum ensaio de Bourget, aos quaes o amontoamento de «bibelots» e coisas d'arte foram formando certa maneira de ser litteraria, no caso do poeta dos «Simples» deu-se a simplificação e escolha de certa arte—que marca na decoração e nos objectos aproveitados a linha ascendente e definitiva da sua evolução esthetica.

A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de sciencia, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho, sobre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoi, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel...

Das suas magnificas collecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-arabes, que abertos pareciam de coral e d'oiro, e que se diriam feitos para guardar a correspondencia ardente dos namorados das «Mil e uma noites»; emfim do seu mobiliario e dos seus quadros—apenas o poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu d'arte gothica anterior ao seculo XVI.

Aquella decoraçào não é d'arte pela arte: é da arte vista atravez das formas definitivas e supremas da emoçào e da ideia. De toda a casa irradia ventura e virtude, uma paz imperturbavel, uma grandeza duma religiosidade suave e transcendente, que se prende ás raizes mais profundas da vida... Nos seus objectos d'arte—muitos de grande, inimitavel arte — ha sempre, como na sua combinaçào symetrica, aquella harmonia que não pode faltar aos grandes poetas, que são, nesta gleba de cardos, os enviados de Deus.

Em tudo ha rythmo: nas linhas nobres do mobiliario antigo, nas esculpturas dos seus Christos, nos armarios de castanho da Renascença, naquellas lindas arcas portuguezas, que tam bem guardariam o bragal de linho fresco, cheirando a camoeza, da Joanninha do Valle de Santarem.

Sempre uma linha harmoniosa e pura —como

na natureza inteira, aparentemente irregular e cahotica. «Deus é algebrico»—dizia Novalis.

Na sala de visitas ha muitos quadros admiraveis. A destacar entre as telas, esse prodigioso «Christo no monte Oliverete», que é um grande quadro do museu, de figuras sublimes, com uma tinta vaga de transcendente espiritualidade. Depois o poeta, com os seus olhos de genio, illumina-o de symbolos immensos... O quadro é de Greco, o mestre de Velasquez; o pintor excelso tantos annos quasi desconhecido!

Muitas pinturas italianas e flamengas, inolvidaveis; e entre estas um Van Eyk simplesmente divino pela doçura das figuras que pisam a terra, mas que evidentemente desceram do ceu... Não esquece nunca a frescura da côr, a espiritualidade archangelica do quadro!

Que nos lembre entre tantas maravilhas d'arte religiosa e candida—d'aquella que mais exprime a grandeza humana—as madonas e os Santos, as esculpturas deliciosas da sala de jantar de madeira jaspe, as arcas d'uma suggestão biblica e os retabulos em relevo—que nos lembre, só numa sala destaca a nota demoniaca dum prodigioso desenho original de Goya: é um conluio de bruxas. Dir-se-hia que o poeta quiz dar o contraste d'essas expressões estheticas, desses dois polos tam distantes da alma humana: Van Eyk, o divino, e o macabro caliginoso e genial dos «Caprichos»!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

